

Corpos-Fronteira e o Conto Maria: Um Diálogo Entre Mbembe e Conceição Evaristo

Border-Bodies and the Short Story Maria: A Dialog Between Mbembe and Conceição Evaristo

Adriano NEGRIS

Doutor em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Professor Adjunto do Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores – FFP.
E-mail: adrianonegris@gmail.com

Pâmela Bueno COSTA

Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.
E-mail: costapamela58@gmail.com

RESUMO:

O objetivo deste ensaio é fazer uma leitura do conto *Maria*, de Conceição Evaristo, a partir das reflexões do filósofo Achille Mbembe, principalmente, com base em seus apontamentos presentes em suas obras *Políticas da Inimizade e Brutalismo*. Somando-se a isso, buscamos refletir a partir da *imagem-questão Maria*, as relações de inimizades, corpo-fronteira e o extermínio do outro. Diante da sociedade da inimizade, o outro é marcado principalmente pelas questões raciais, suscitando assim a construção de fronteiras. Partimos da reflexão que Maria torna-se o corpo-fronteira, o corpo brutalizado, o corpo que é visto como o inimigo, e dentro dessa lógica, deve ser eliminado. Em conformidade, com o filósofo camaronês a sociedade da inimizade é movida pela pulsão de separação, e do aniquilamento, e dessa forma, constrói o cenário ético-político, denominado pelo pensador de brutalismo.

PALAVRAS-CHAVE:

Brutalismo, Fronteirização, Corpos-fronteira, Maria, Conceição Evaristo.

ABSTRACT:

The aim of this essay is to read Conceição Evaristo's short story *Maria* from the point of view of the philosopher Achille Mbembe, mainly based on his notes in his works *Politics of Enmity and Brutalism*. In addition, we try to reflect on the image question of *Maria*, the relations of enmity, the body border and the extermination of the other. In the society of enmity, the other is marked mainly by racial issues, which gives rise to the construction of borders. We begin by thinking that *Mary* becomes the border body, the brutalized body, the body that is seen as the enemy and, within this logic, must be eliminated. According to the Cameroonian philosopher, the society of enmity is driven by the pulse of separation and annihilation, and in this way constructs the ethical-political scenario that he calls brutalism.

KEYWORDS:

Brutalism, borderization, border bodies, Maria, Conceição Evaristo.

Escrever é uma maneira de sangrar. Acrescento: e de muito sangrar...¹

quem traz na pele essa marca, possui a estranha mania de ter jê na vida...²

Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida...³

Ao depararmos com o enredo do conto *Maria*, que faz parte do livro *Olhos D'água*, de Conceição Evaristo, inúmeras questões nos atravessam. A personagem traz à tona as vivências dolorosas e violentas de uma sociedade patriarcal, misógina e racista. A escritora produz uma literatura cortante, ou seja, nos afeta como uma *filosofia rascante*⁴ que arde, rasga e sangra a pele. Sua escrita, como a autora ressalta, é “uma maneira de fazer sangrar”, permeada pelas escrevivências; são escritas das experiências de um corpo feminino negro na conjuntura pós-colonial, uma escrita que denuncia em forma de prosa e verso as mazelas existentes na sociedade, realçando a violência contra as mulheres e, em geral, todas as pluralidades de truculências existentes na sociedade brasileira.

Importante frisar que a obra de Conceição é permeada pela *escrevivência*, termo que remete a uma escrita fruto do viver-escrever, narrativas atreladas, principalmente as histórias das mulheres negras. Nesse sentido, a escrita com sangue de Evaristo é um deságue, com os olhos cheios de água, é escrita para incomodar e não para ninar a casa grande. Sua literatura é para causar incômodo e desconstruir os estereótipos construídos por séculos, não obstante, conta histórias que muitos não querem ouvir.

Nesse viés, podemos enfatizar a fala da autora no seminário *Escrevivência* (2020), onde afirma que a função da literatura e das histórias contadas são para incomodar, jogar no rosto da casa-grande o que foi feito e, inclusive, marcar o presente que tem marca do passado, demarcando a memória como cotidiano. A escrevivência quer provocar uma denúncia; e na literatura de Conceição isso é realizado de uma maneira poética. Conceição afirma que é um soco no estômago, é a violência do cotidiano que desloca o leitor/a. A atmosfera da obra de Conceição retrata a violência em corpos de mulheres negras, como a autora enfatiza:

¹ Evaristo (2016, p.109).

² Nascimento, *Maria, Maria* (1999).

³ Evaristo (2016, p. 42).

⁴ Denominamos filosofia rascante uma filosofia que rasga a pele, corta e faz sangrar diante das atrocidades do mundo. É uma filosofia atravessada pela dor de estar no mundo, e dessa forma, é uma filosofia que não silencia perante os cortes políticos, sociais, sexuais que circunscrevem a vida-corpo. É o assombro. É ardência. É tremor. É uma disposição para o cante a palo seco, como no poema de João Cabral de Melo é o “cante de caminhar mais lento: por ser a contra-pelo, por ser a contra-vento; é cante que caminha com passo paciente: o vento do silêncio tem a fibra de dente”. É uma possibilidade de pensar a filosofia popular brasileira, atravessada pelos seus cortes, uma filosofia rascante é aquela que escancara o real, desloca, movimenta o olhar, e, nas brechas, frestas e rasuras se torna viva e pulsante, é *escrita com sangue* é o cante das entranhas, rascante em verso e palavra, entona as vísceras dos latinos americanos: de sangue e de luta e de América do Sul. É o cante belchiano “eu quero que esse canto torto, feito faca, corte a carne de vocês” (Belchior, 1976).

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos (Evaristo, 2020, p. 30).

Por isso, afirma que a sua escrita, o escrever-viver na escrevivência: “A escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (2020, p. 30). Dessa forma, seu conto Maria produz a *imagem-questão*, *personagem-questão*, segundo Manuel Antônio de Castro, em *A arte em questão: as questões da arte*, influenciado por uma visão ontológica de mundo heideggeriana, afirma que a *imagem-questão* nos convoca para a escuta das grandes questões. Nos permite aprender a ver, mas não de fora para dentro, mas o processo inverso. *A imagem-questão é poiesis*, isto é, uma questão fundante, pois não representa, funda. E nela encontramos uma ambiguidade vigente, fonte inaugural e originária de tempo e mundo, possibilitando sempre novas leituras e interpretações. De acordo com essa visão, podemos dizer que as obras literárias criam *imagens-personagens-questão*. Segundo Castro, a *imagem-questão* é a *imagem-poética*, con-vocando-nos para a escuta das grandes questões, onde essa escuta é a condição fundamental de todo diálogo e de todas as interpretações”. Dessa forma, a literatura de Conceição é permeada por muitas imagens, seja em seus romances *Ponciá Vicêncio*, *Becos da Memória*, ou em seus livros de contos como *Olhos D’água* ou *Insubmissas lágrimas de mulheres*. *Suas personagens-questão* provocam e deslocam muitas reflexões. Destacamos a personagem Maria para dialogarmos com a filosofia de Achille Mbembe de corpo-fronteira atrelada a suas obras *Brutalismo e Políticas da Inimizade*.

Maria é uma *personagem-questão*, sobretudo porque ela traduz a dura realidade de muitas mulheres, vítimas de diversas violências interseccionais: gênero, raça e classe. Triplamente violada, a personagem escancara a violência aplicada ao corpo-fronteira, como será observado mais adiante, são corpos que não possuem os mesmos direitos de circulação. Além disso, veremos que o Brasil, desde sua era colonial, é construído em suas estruturas sociais, políticas e históricas pelo racismo, isso demarca, conseqüentemente, as diversas formas de violências a que um corpo negro pode ser submetido. Para Conceição Evaristo, escrever é uma espécie de apaziguar a dor. Compartilhando as escrevivências, sua literatura é pensante, provoca, desloca e nos faz sangrar:

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco. Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosia esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executou, é a senha pela qual eu acesso o mundo (Evaristo, 2005, p. 202).

Verte sangue e memória. No conto *Maria*, a personagem escancara sua dor e seu sangue jorrado produz a imagem síntese da sociedade bruta e aniquiladora de corpos. Ela é uma mulher negra, mãe solo de três filhos e empregada doméstica. Ao finalizar o dia de trabalho, precisa retornar a sua jornada de dona de casa, ou seja, a dupla jornada de trabalho, cuidar de seus filhos pequenos. Mas, um acontecimento marca seu retorno. Ela cruza com a *fronteira*, ou ainda, seu corpo demarcado como fronteira, será impedido de transitar, deparando-se com o ódio e o racismo na carne.

Maria e tantas maria(s), da graça ou da *des-graça*, sofre diariamente a brutalidade do sistema opressor, que controla a circulação de corpos negros⁵, Maria-sonhadora, só queria chegar ao seu lar, para entregar aos seus filhos a primeira experiência de *comer melão*. No dia anterior, na casa onde trabalhava, houve um grande encontro, uma festa que deixou alguns *restos*: “no dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa”, estava levando na sacola pedaços de sonhos para alimentar a alma das crianças.

Evaristo descreve na cena o caminho sofrido pela personagem, demarcando o retorno ao seu lar: “Maria estava parada há mais de meia hora no ponto de ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé” (2016, p.42). Diante desse contexto, percebemos a dificuldade de a personagem transitar, suas horas perdidas, ou seja, a vida precária de Maria. Assim descreve Conceição:

Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. Os ônibus estavam aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos gostavam de melão? (Evaristo, 2016, p. 39-40).

O trecho supracitado descreve a dura realidade de Maria, mãe solo, sentia urgência em chegar em casa e cuidar dos seus. Às segundas-feiras começam sempre com o sentimento de início, mesmo com o cansaço, com as horas perdidas na espera da condução, com os pés doloridos e a sacola pesada, Maria tinha as mãos doloridas, pois tinha sofrido um corte, no meio de sua mão, com uma faca a laser que corta até a vida (Conceição, 2016, p. 40). Já no ônibus, a vida e seus reencontros. É no interior do ônibus que reencontra o homem que era pai de um de seus filhos:

Maria viu, sem olhar, que era o pai do seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa

⁵ É relevante destacar que na obra *Crítica da Razão Negra* (Mbembe, 2022) Mbembe aponta que o termo negro, pensado por meio de um paradigma da modernidade, é o atribuído ao ser humano que tem sua carne e espírito transformados, respectivamente, em coisa e mercadoria. Numa perspectiva contemporânea, o nosso filósofo destaca, ainda, que a fusão potencial do capitalismo e do animismo gera a possibilidade de transformação dos seres humanos em coisas animadas, dados numéricos e códigos. Nas palavras de Mbembe, “pela primeira vez na história humana, o substantivo negro deixa de remeter unicamente à condição atribuída aos povos de origem africana durante a época primeiro capitalismo” (Mbembe, 2022, p. 19). Essa condição mencionada por Mbembe torna-se generalizada, alcançando escala planetário. Esse movimento de generalização da condição contemporânea Mbembe denomina de devir-negro do mundo (Mbembe, 2022, p. 20).

imensa. Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade!
 Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros...outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito... (Evaristo, 2016, p. 40).

Tomada por um misto de emoção e silêncio, sem reação, escuta com dificuldade a mensagem que o homem cochicha em seu ouvido: “um abraço, um beijo, um carinho no filho”. Diante do fato que está por vir, podemos inferir: Maria já foi condenada no momento que nasceu, pois, não dá *para fugir dessa coisa de pele*⁶, e como diz Frantz Fanon, “*onde quer que vá, o negro permanece negro*” (Fanon, 2008, p.149). Maria vai sofrer em seu corpo-pele a *fatalidade* de ser mulher negra. Em voz de assalto, o homem, que era pai de seu filho de 11 anos, estava com uma arma na mão. Diante do pânico, ficou estarelecida, foi a única que não sofreu a violência do assalto, porém, passou a sofrer vários cortes em sua pele, seu sangue não escorreu somente nas mãos dos passageiros, mas sim de toda a sociedade: *a faca-fronteira cortou sua vida*. Vale a pena chamar atenção para o fato de que a cena descrita por Conceição Evaristo está em conformidade com uma espécie de violência cotidiana que denota uma forma de vida brutalista, tal como pensada por Achille Mbembe em *Brutalismo*. Como veremos adiante, nessa obra o filósofo menciona que o brutalismo não se resume aos horrores da guerra, ele se embrenha no cotidiano, e “consiste na produção de uma sequência de coisas que, em um dado momento, conduzem a uma série de eventos fatais” (Mbembe, 2021, p. 46). Cortando o corpo de Maria, lá no fundo do ônibus alguém gritou: “aquela puta safada conhecia os assaltantes”. Sem chances de defesa, ela queria falar que não conhecia assaltante algum, somente, “conhecia o pai do seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto” (Evaristo, 2016, p. 41). Segundo Gregory Rabassa, em *O negro na ficção brasileira: meio século de história literária*:

Na literatura produzida no Brasil até 1888, o negro apareceu em papéis diversos e sob ângulos diferentes. [...] Como pessoa, o negro foi descrito como quase tudo cabível na escala humana de interpretação: uma figura semelhante a feras, que servia apenas para o trabalho pesado, um selvagem em que não se pode confiar e que se revoltará na primeira oportunidade [...] uma figura exótica que desperta desejo [...] (Rabassa, 1965, p. 324).

Notamos que as personagens tiveram sua humanidade eliminada, seus direitos foram usurpados, com isso estereotipados como “animais”, “selvagens” e “exóticos”, essa literatura contribuiu para a perpetuação das violências e para a construção de uma imagem solapada dos negros na ficção e na realidade. A escrita de Conceição resgata um outro olhar para a literatura negra, evidenciando as

⁶ Ver o álbum de Jorge Aragão *Coisa de pele* de 1986. Interessante abordagem faz o filósofo Marcelo José Derzi Moraes em seu artigo *Por uma filosofia dessa coisa de pele: uma desconstrução da colonialidade*, texto que faz parte da obra *Gingar, filosofar, resistir: ensaios para transver o mundo*, 2020.

pluralidades de seus personagens e suas humanidades. Segundo Eduardo de Assis Duarte, na obra de Conceição existe um *brutalismo poético*⁷, isto é, “enquanto procedimento de representação, cabe ao *brutalismo poético* colocar-se como antípoda dessa redução do sujeito a corpo descartável, pela via tocante do sublime que humaniza a dor, o ódio, bem como a alegria parca e passageira que atravessa contos e romances” (Duarte, 2020, p.85). E isso toma corpo na obra de Evaristo, pois:

o brutalismo que percorre as histórias da escritora, tem como centro a vítima, não o agressor. Distante da reificação tarantinesca incensada pela indústria do entretenimento, **o que sangra** em seus textos é a humanidade atingida pela indiferença para com o negro vilipendiado como indesejável – espécie de figura “diferenciada” e incômoda, na vida real cotidianamente suprimida da paisagem pela eliminação pura e simples, conforme apontam as estatísticas da violência no Brasil (Duarte, 2020, p.85).

Diante do brutalismo que o corpo de Maria é exposto, o auge de violência acontece quando gritam:

Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção a Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender passageira: Calma, pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos... **Lincha! Lincha! Lincha!** Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arreventado e as frutas rolavam pelo chão (Evaristo, 2016, p. 41-42).

A partir das cenas descritas, podemos analisar as reflexões de Achille Mbembe presentes nas obras *Políticas da inimizade e Brutalismo*. Atentos a violência que o corpo de Maria sofre, podemos observar o seguinte: ser negra atrelou o seu corpo à criminalidade, tornou-se uma ameaça, o inimigo a ser eliminado e combatido⁸. Passou a não ser vista mais como uma pessoa, perdeu sua humanidade e passou a ser um outro-objeto. Dessa forma, os passageiros com seu ódio engasgado, disseminam em seu ódio no corpo abjeto. Não podemos *fugir dessa coisa de pele*, condição social da mulher negra, mas também de outros corpos negros e dissidentes, isto é, o projeto colonial foi capaz de colocar o povo negro num lugar de subalternidade, que é inscrito na pele. Nesse viés, o conto de Conceição pode ser lido como o reflexo de uma sociedade da inimizade, pensada por Mbembe como o estado atual de nossa política, isto é, como “relação de inimizade é marcada pela angústia da aniquilação – projeto contemporâneo de separação” (Mbembe, 2021, p. 77).

A relação de inimizade que presenciamos em nossa contemporaneidade é assombrada pelos fantasmas da separação e do extermínio. Não obstante afirmarmos que a nossa sociedade é orientada por

⁷ Termo utilizado também por Alfredo Bosi, importante crítico e historiador da literatura brasileira.

⁸ Esse tipo de movimento é característico do projeto moderno de conhecimento e de governo implementado pelos mundos euro-americanos. Trata-se da constituição de um dispositivo de codificação que Mbembe explica da seguinte forma: “ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele e de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euro-americanos em particular fizeram do negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura: a da loucura codificada” (Mbembe, 2022, p. 13).

um regime democrático, muitas vezes não direcionamos nossa atenção para o corpo espectral que o constitui. A democracia, dentre outras características, se afigura como um regime político que monopoliza a violência na figura do Estado de Direito, assegurando a liberdade e a igualdade dos cidadãos. Contudo, também é correto afirmar que desde sua origem o corpo democrático é rodeado por inúmeras brutalidades, muitas vezes ocultadas, outras vezes dissimuladas, tornando a ideia de uma vida em democracia seja tranquila, policiada e despojada de violência seja uma simples quimera. Esse corpo noturno⁹ que habita na história da democrática moderna a transforma em um corpo duplo espectral, onde os limites entre a violência legítima e a violência ilegal recaem sob o cerne de indecidibilidade.

A constatação de Mbembe sobre o estado atual de nossa política deixa transparecer uma espécie de desejo e angústia que muitas vezes se refletem nos movimentos de ódio e hostilidade ao outro. Trata-se da manifestação do desejo de fechamento sobre si mesmo, que, por outro lado, tende a obliterar, de forma violenta, toda a espécie de diferença. Nesse horizonte de coisas, o outro não somente é reduzido a uma forma de objetificação, mas também aparece como um objeto envolto numa áurea de perigo; ele se torna um objeto perturbador que ameaça a pretensa soberania de si. Para nutrir esse desejo de separação é necessário a fabulação incessante desse objeto perturbador consubstanciado na figura do inimigo¹⁰.

O desejo de segregação e fabulação da ideia de inimigo que percorrem as relações de uma sociedade hostil exige o estabelecimento de demarcações simbólicas que exprimem a separação entre “eu e o outro”. Trata-se, em outros termos, da fixação de fronteiras que cumprem a função de demarcar não só a existência de um espaço de constituição do próprio, do igual, do mesmo, mas também para formar aquilo e manter separado o que se encontra para além dos limites da fronteira. Em muitos casos, como diz Mbembe, supõe-se que um muro divisor possa aplacar o desejo de separação e pôr fim ao excesso de presença do outro. Outras vezes, a vontade de segregação suscita ir além e pede a eliminação do outro, visto como inimigo¹¹.

⁹ Em *Políticas da Inimizade*, Mbembe sustenta que a história da democracia moderna é constituída por dois corpos, um corpo solar e um corpo noturno. Segundo Mbembe, a democracia, a plantation e o império colonial fazem parte de uma mesma matriz histórica. A constituição desse corpo e seu duplo (lado noturno) seriam essenciais para compreensão histórica da violência da ordem global contemporânea. Nesse sentido, o filósofo camaronês afirma o seguinte: “Cria da democracia, o mundo colonial não era a antítese da ordem democrática. Ele sempre foi seu duplo, ou melhor, sua face noturna. Não existe democracia sem seu duplo, sua colônia, pouco importa o nome ou a estrutura. Ela não é exterior à democracia. Não está necessariamente situada extramuros. A democracia carrega a colônia em seu seio, assim como a colônia carrega a democracia, não raro sob a forma de máscara (Mbembe, 2020, p. 53). É justamente esse corpo noturno, o espectro da violência colonial, que sempre ronda e ameaça as democracias contemporâneas.

¹⁰ Para Mbembe a ideia de inimigo deve ser colhida diretamente da filosofia política do alemão Carl Schmitt e compreendê-la no sentido concreto e existência. Por isso, para o filósofo camaronês, o inimigo revela um antagonismo supremo – ele é “em seu corpo em sua carne, aquele cuja morte física se pode provocar, porque ele nega, de modo existencial, o nosso ser” (Mbembe, 2020, p. 86).

¹¹ Como explica Mbembe, a necessidade da figura do inimigo, ou a pulsão do inimigo, nas sociedades contemporâneas se apresenta sob uma perspectiva ontológica, de modo que o inimigo faz parte da constituição do sujeito. Além disso, ser privado

A figura fantasmal do inimigo, ao contrário do que se poderia supor, não está para além dos limites da sociedade, situado fora do âmbito de relação com aqueles que se reconhecem como iguais, ou seja, aqueles ligados pelo laço da fraternidade e que reconhecem o outro como amigo. O inimigo, de início e na maioria das vezes, aparece desde já numa dinâmica de relação direta e contígua com aquilo que intenciona fechar-se sobre si mesmo, fazendo oscilar constantemente a pretensa estabilidade da dicotomia “dentro-fora”. O espectro do inimigo, que imprevisivelmente retorna para assombrar a comunidade de “amigos”, transita nos limites entre o dentro e o fora. Nesse sentido, como explica Mbembe, “a menos que seja exterminado, o Outro já não nos é externo. Ele está dentro de nós, sob a dupla figuração do outro eu e do eu outro, cada um mortalmente exposto ao outro e a si mesmo” (Mbembe, 2020, p. 83).

Dessa maneira, o inimigo, esse outro que não sou eu, esse o outro que não é um outro igual a mim, surge como diferença perturbadora na proximidade e no seio do próprio. Como corpo fenomenal que é, o espectro do inimigo pode se desvelar sob diversos “rostos” e signos, tudo a depender do conjunto de fabulações elaboradas no esteio de uma comunidade. Assim, muitas vezes, o inimigo é caracterizado sob a forma do vadio. No sentido que aqui empregamos, o vadio se refere como aquele que está “fora-da-lei”, aquele que escapa aos sistemas de normalização e pode ser apontado como “anormal”. O vadio é aquele que “não tem lugar” na sociedade, ele é *a-topos* porque não se ajusta a pólis – ao mesmo tempo que ronda a cidade – e, por conseguinte, transforma-se no espectro do errante, o inimigo da ordem. O filósofo Marcelo Moraes, na obra *Democracias Espectrais*, nos apresenta com precisão a dimensão problemática do vadio:

A figura do vadio, da vadia, do boêmio, do malandro, do *flâneur*, da prostituta, do mendigo, do pivete, da meretriz, do travesti, se apresenta como o inimigo da ordem, para as pessoas e famílias de bem, para o cidadão de bem que frequenta o prostíbulo, que frequenta ruas escuras dentro de carros. Uma vez que esses poluem a cidade, não cumprem ordens, cometem crimes, não trabalham, não possuem endereço fixo, levam as pessoas de bem para o mau caminho e, principalmente, não contribuem com a máquina do capital. No Brasil, especificamente no Rio de Janeiro, a vontade de limpeza, a vontade de ordem, a vontade de colônia, além de incriminar esses sujeitos, muitas vezes passa pelo abate, pela execução, a saber, a máxima do cidadão de bem: *bandido bom é bandido morto*. Sem falar, é claro, da mulher que não anda na linha, aquela que, à margem, não seria digna de uma mulher de bem, de família, sendo, portanto, uma vadia: esta, a família de bem não perdoa, merece ser estuprada. Estupro e assassinato são atos concedidos por meio de uma lei espectral que rege o estado moral da sociedade dita democrática. Nesse sentido, os vadios e as vadias, privados do uso livre da cidade, são vítimas de um Estado necroempoderado que, passando por cima da lei, faz valer a lógica da execução, um regime ou um sistema necropolítico, segundo Mbembe, em que essas vidas valem menos (Moraes, 2020, p. 133-134).

do inimigo significa ser impedido de usufruir de uma relação de ódio ao outro. Segundo Mbembe, a privação do inimigo equivale a se “ver frustrado em sua compulsão de se atemorizar, em sua capacidade de demonizar, no tipo de prazer e satisfação sentidos quando o suposto inimigo é abatido pelas forças especiais, ou quando, capturado vivo, é submetido a intermináveis interrogatórios e levado para ser torturado em um ou outro dos lugares secretos que maculam nosso planeta” (Mbembe, 2020, p. 85).

Como ente indesejado, que transita pelos regimes democráticos espalhados pelo planeta, o inimigo, o outro como inimigo ou vadio, precisa ser identificado, mobilizado e, como última alternativa (ou muitas vezes como a primeira escolha), deve ser eliminado. Como consequência dessa postura, devem ser estipuladas clivagens¹² que garantam a divisão entre os “iguais” e os “desiguais”¹³.

Dentre as formas mais comuns de separação dos indivíduos e delimitação do espaço se encontra a fronteira – marco divisório que separa entidades soberanas distintas, regula a distribuição do espaço geográfico e determina a capacidade do fluxo circulatório dos indivíduos de um lugar a outro. Mas não é só. A fronteira também é empregada para demarcar zonas de conflitos, criar espaços de confinamento e segregar determinadas classes de pessoas. Como verdadeiro dispositivo que expressa o desequilíbrio das relações de poder, a fronteira identifica, classifica, controla e disciplina o espaço e os indivíduos que precisam atravessar cada linha demarcatória. Contudo, para além dessas funções habituais, a fronteira tornou-se, segundo Mbembe, um dispositivo ontológico. Por isso, para o nosso pensador, a fronteira seria o nome da violência organizada que sustenta o capitalismo contemporâneo e a ordem do nosso mundo em geral.

A nossa experiência de mundo atual nos conduz à percepção de que o fenômeno da globalização não passa de um certo conjunto de discursos fantasiosos, que somente se sustentam pela incessante repetição. As grandes liberdades prometidas pela globalização – a livre circulação de capital, bens, mercadorias e pessoas – talvez tenham se concretizado para uma ínfima parcela da humanidade. Isso porque, para a maioria das pessoas que habitam este planeta, a ideia de “livre circulação” ainda é um sonho distante. Assim, ao invés de reduzir, o mundo globalizado edifica cada vez mais fronteiras (físicas,

¹² Seguramente uma das formas mais significativas de produção dessas clivagens é, sem dúvidas, é a processo de produção identitária pelo discurso. Conforme aponta Stuart Hall, para compreensão da formação de identidades, torna-se imprescindível analisar os locais de sua formação e as instituições envolvidas, as práticas discursivas que compõem a sua construção, bem como as opções estratégicas adotadas para esse fim. Além disso, como Hall acentua, as identidades “emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna” (HALL, 2014, 109-110).

¹³ Sobre a relação da construção do Outro como “desigual” por meio de práticas discursivas, há um interessante estudo elaborado pela psicanalista Maria Rita Kehl que aponta como determinados discursos que circulam na sociedade são direcionados a eliminação do inimigo. Vejamos brevemente algumas observações formuladas pela psicóloga: “Há sempre o Outro, o elemento radicalmente estranho, em relação a quem, no limite, toleram-se algumas violações de direitos sem que isso incomode o cidadão dito “de bem”. O negro. O paupérrimo. O mendigo, o alcoólatra, o pivete. O traficante. *Doze supostos traficantes foram mortos pela polícia no Morro dos Macacos na tarde desta quinta-feira...* Ah, bom. Já que se tratava de supostos traficantes, tudo bem; será que tipos assim “mereceriam” ser incluídos na universalidade dos direitos? Vale observar que na pesquisa “Percepções sobre direitos humanos no Brasil”, embora 32% dos entrevistados concordem com a frase “bandido bom é bandido morto” – número que aumenta para 43% quando somado às respostas de quem consente “mais ou menos” com tal afirmação – encontramos uma maioria quase absoluta (81%) em *desacordo* total com a assertiva de que “dada a alta periculosidade da atividade policial, é bom que a polícia atire primeiro e pergunte depois”. Por conta da aparente incongruência entre as duas taxas, podemos supor que entre os que discordam que a polícia atire a esmo, pelo menos 39% concordariam se o policial atirasse sabendo que sua vítima seria um bandido. Só não vale atirar primeiro para não correr o risco de matar um cidadão de bem” (Kehl, 2010, p. 36).

geográficas, jurídicas ou simbólicas) de modo que para a maior parte da humanidade a globalização se impõe como uma verdadeira fábrica de perversidades¹⁴ (Santos, 2013, p. 19).

O desejo de inimizade que flui em nosso tempo requisita obstinadamente a realização de “endogamia”, com a conseqüente expulsão e morte do outro. Assim, para atender esse apetite voraz pelo igual, fronteiras se expandem e muros não param de ser erguidos. As fronteiras funcionariam como uma caução para garantir a manutenção da segurança entre os indivíduos “aparentados”. Os “muros” impedem que se tenha uma visão clara daquilo que está do outro lado, fornecendo a ilusória sensação de segurança plena. Nesse sentido, “todo perigo sempre é deixado para além dos muros cidade”.

Toda essa atmosfera de hostilidade leva as democracias liberais a dinamizar suas relações políticas sob o prisma de um Estado de Segurança, que pode ser interpretado como um modo de cristalização de determinadas relações de poder que intensificam os níveis de violências, com a finalidade de garantir paz e segurança aos membros de uma sociedade. No entanto, para que esse Estado de Segurança funcione é preciso a estruturação e a constante manutenção da ideia de inimigo, o que alimenta, por outra via, a sensação de medo e vulnerabilidade. Não é por outro motivo que Mbembe diz que “o estado de insegurança é o que faz funcionar o Estado de Segurança, na medida em que este é, no fundo, uma estrutura responsável por investir, organizar e desviar as pulsões constitutivas da vida humana contemporânea” (Mbembe, 2020, p. 93).

O estado “psicológico” de insegurança é fomentado pela fabulação de caricaturas, clichês e estereótipos, todas tendentes a criar contornos palpáveis para identificação do inimigo. É preciso que a translucidez desse fantasma que é o inimigo seja encarnada em um corpo de carne e osso para que, enfim, esse devir-corpo do inimigo seja objeto da pulsão de ódio, da segregação e plurais formas de violências. Com efeito, o ódio ao outro, provoca esse sentimento de aniquilação, como afirma o filósofo: “ódio ao inimigo, necessidade de neutralizá-lo – vetores que expressam o espírito da política contemporânea – (Mbembe, 2021, p. 88). Somando-se a isso, o filósofo vai denominar de alterocídio esse processo pelo qual o outro não como semelhante a si mesmo, mas como objeto intrinsecamente ameaçador, do qual é preciso proteger-se, desfazer-se ou destruir. Não obstante, o desejo de aniquilamento do outro: “os

¹⁴ O geógrafo Milton Santos, ao analisar o processo de globalização desde os fins do século passado, menciona que o mundo pode ser visto sob três perspectivas: o mundo tal como nos fazem vê-lo, o mundo tal como ele é e o mundo como ele pode ser. Para os propósitos de nosso texto, basta mencionar que para as duas primeiras visões, a globalização seria compreendida simultaneamente como fábula e perversidade. Segundo Milton Santos, a realização do mundo atual exige um incessante processo de fabulação e uma dessas grandes fabulações seria a ideia de humanidade desterritorializada, caracterizada pelo falecimento das fronteiras e a existência de uma cidadania universal. No entanto, o geógrafo relembra o seguinte: “De fato, as fronteiras mudaram de significação, mas nunca estiveram tão vivas, na medida em que o próprio exercício das atividades globalizadas não prescinde de uma ação governamental capaz de torná-las efetivas dentro de um território. A humanidade desterritorializada é apenas um mito. Por outro lado, o exercício da cidadania, mesmo se avança a noção de moralidade internacional, é, ainda, um fato que depende da presença e da ação dos Estados nacionais” (Santos, 2013, p. 42).

poderes desse mundo continuamente convertem certos espaços em lugares intransitáveis para determinadas categorias de pessoas” (Mbembe, 2021, p. 78).

Essa verdadeira sociedade da inimizade, movimentada pela pulsão de separação e aniquilamento do Outro, compõe o cenário ético-político contemporâneo que o filósofo camaronês denominou de *brutalismo*. Em termos gerais, uma vez que nossa intenção não está direcionada para a análise profunda do conceito, podemos dizer que o brutalismo se trata de uma forma política de disposição da matéria, do corpo, e até mesmo do imaterial, que tem como projeto a transformação da humanidade em matéria e reserva de energia disponível para extração (Mbembe, 2022, p. 19). Em suma, trata-se da descrição de um horizonte em que as relações de poder concentram sua racionalidade para mutação do humano em objeto, assumindo, como estratégia a fraturação, fissuração, depleção e o esgotamento dos corpos vivos.

Nesse cenário do brutalismo as fronteiras ainda seguem ocupando um lugar de destaque. Como dissemos anteriormente, a fronteira é usada não somente para delimitar os espaços, mas, precipuamente, para restringir a circulação dos corpos. No contexto do brutalismo esse mecanismo de clivagem recai, em especial, sobre os corpos indesejados pela sociedade.

Os corpos indesejados são aqueles equiparados a rejeitos humanos, formando uma espécie de corpo virulento que pode causar “doença” e afetar a boa saúde do corpo social – o que Mbembe chama de “corpo-fronteira”. Esses corpos constituem uma massa excedente a qual não se enxerga função alguma e não se pode dela extrair energia alguma; por essa razão essas pessoas “em demasia” precisam ser eliminadas a todo custo. Segundo Mbembe, “as pessoas em “demasia” de hoje são aquelas que não dispõem nem das habilidades adequadas para promover sua empregabilidade nem dos ativos, títulos ou bens necessários para garantir sua solvência” (2022, p. 154-155). Nesse contexto brutalista, os corpos-fronteira ganham a feição de inimigo, fazendo com que as forças políticas se voltem para o combate contra aqueles que, mesmo desejando vender a única mercadoria que possuem, que é a própria força de trabalho, não conseguem mais encontrar compradores” (2022, p. 162).

A partir da leitura do conto de Conceição, podemos dizer que Corpo-Maria é um corpo-fronteira, pois, será marcado pela experiência do corte, do desejo de aniquilamento e pulsão de ódio dos passageiros do ônibus, o corpo da personagem será visto como o inimigo a ser combatido, com efeito, Maria vivencia as delimitações que operam em seu corpo de mulher negra. Segundo Mbembe o corpo-fronteira:

Esse novo tipo de corpo humano não é apenas a pele do corpo e o corpo abjeto do racismo epidêmico, mas o da segregação. É também o corpo-prisão dobrado do corpo-fronteira, aquele cuja mera aparição no campo fenomenal desperta, desde o início, desconfiança, hostilidade e agressão. O imaginário georacial e geocarcerário que tinha sido aperfeiçoado, não muito tempo atrás, pela África do Sul da época do apartheid não para de se universalizar (Mbembe, 2019, s/d).

Nesse processo de desmantelamento do outro, Maria vira uma mulher-objeto, perde seus direitos básicos de ser humano, nessa ótica, vira um corpo-objeto ameaçador, dessa forma, passa a ser violentado, é o que vemos no final do conto, Maria sendo agredida pela crueldade dos passageiros, os quais “queriam eliminar o perigo”. A questão é ampla, possui várias camadas, em consonância com Mbembe, é dessa forma que se instaura o direito de quem pode circular e quem não pode, ou seja, quais são os corpos sujeitos aos obstáculos e várias fronteiras.

Ainda segundo o filósofo camaronês, em sua obra *Brutalismo*, o processo de fronteirização em seu marco zero, constitui-se “da não relação e da negação da própria ideia de uma humanidade comum, de um planeta, o único que temos, que juntos compartilhamos e ao qual nos vincula nossa condição comum de passantes” (Mbembe, 2021, p. 76). Assim, “tem por alvo não corpos singulares, mas massas humanas consideradas vis e supérfluas. É uma luta travada contra corpos abjetos” (2021, p. 78). O brutalismo “compõe parte de uma “humanidade excedente” - são corpos “em demasia” - devem ser eliminados, controlados ou mesmo imobilizados” (2021, p.158).

Ao tratar dos corpos-fronteiras, Mbembe menciona como são geridas as pessoas, sendo tratadas como um monte de carne, evidenciando como, desde o século XVI, existe um desejo de controle, principalmente o de controlar a circulação dos corpos. Como destaca o filósofo camaronês: “como virulentos - migrantes, mendigos, vagabundos, desviantes do imperativo de comunidade e sedentariedade”.

Nesse ensejo, Mbembe afirma que o processo pelo qual poderes convertem certos lugares em lugares intransitáveis – dispositivo de controle de corpos tidos como “virulentos” (2021, p.78). Em síntese, “fronteirizar” corpos é um processo que consiste em barrar e, de certa forma, orientar fluxos indesejados, demarcar as massas humanas que estão em lugares que não deveriam estar, e sendo assim, deveriam ser banidas. Diante disso, podemos trazer memórias de casos específicos de violência que demonstram esse processo descrito pelo filósofo, tais como as frequentes abordagens policiais frente a determinados corpos, eles imobilizam, jogam no chão, de modo a tornar esses corpos estáticos, e isso, não é uma realidade somente no Brasil.

Por conseguinte, surge a indagação, o que podemos entender por fronteirização? Para Mbembe notamos que é a capacidade de decisão de quem pode se mover, isto é, de estabelecer condições de ocupação, destacando o centro de lutas políticas por soberania, nacionalismo, cidadania, segurança e liberdade. Dito de maneira mais clara, Mbembe enfatiza que a expansão colonial do Ocidente, que demarca essa manobra de controle. Principalmente com o advento do capitalismo, o filósofo em seu texto “*A ideia de um mundo sem fronteira*”, diz:

a *raison d'être* da fronteira se relaciona a questões--chave como: a quem pertence a terra? Quem tem o direito de reivindicar partes dela e os vários seres que nela habitam? Quem determina sua distribuição ou divisão? Ao enquadrar a questão da fronteira dessa forma, estou tentando mostrar que o poder da fronteira está em sua capacidade de regular as múltiplas distribuições das populações – humanas e não humanas – sobre o corpo da terra, e, assim, afetar as forças vitais de todos os tipos de seres (Mbembe, 2019, s/d).

O pensador destaca questões importantes sobre a fronteira: seria possível pensar em um mundo sem fronteira? Com base no pensamento do filósofo “poderíamos engendrar a utopia de um mundo sem fronteiras?”. “A quem pertence a terra?”, “Quem tem o direito de reivindicar partes dela e os vários seres que nela habitam?”, “Quem determina sua distribuição ou divisão?”, “Que corpos podem circular? ”. “Que vidas pereceram nesse sistema?”. Seria possível um mundo sem fronteira: onde todos os corpos pudessem circular livremente? Ao enquadrar o conceito de fronteira, notamos assim, a capacidade de regularização, de formas múltiplas de distribuição das populações (humanas e não-humanas) que afetam todos os seres. Além disso, o controle não acontece somente com os corpos, mas também age no movimento. É interessante notar que Maria (ou, ainda, um corpo-Maria) deve ser imobilizada, pois ela é um corpo que representa a impossibilidade de livre locomoção em todos os espaços da cidade. Como uma carne que carrega em si o espectro do inimigo, Maria é um corpo a ser controlado ou até mesmo eliminado. Todavia, podemos ir além e dizer que Maria também é um corpo indefensável, no sentido descrito pela filósofa Elsa Dorlin. A ideia da filosofia é a de que determinados corpos em nossa sociedade são impassíveis de se defender. Caso esses corpos tentem se proteger, acabam fazendo com que o gesto defensivo se volte contra si mesmo em forma de violência. Nas palavras de Elsa Dorlin,

Não há risco de vida maior do que esse tipo de situação, quando a potência de agir se converte em reflexo autoimune. Não se trata mais de apenas de dificultar diretamente a ação das minorias, como na repressão soberana, nem de simplesmente deixá-las morrer, sem defesa, como ocorre no âmbito do biopoder. Trata-se de levar determinados sujeitos a se aniquilarem como sujeitos, de incentivar sua potência de agir para melhor estimulá-los, adestrá-los a própria perda. Produzir seres que, quanto mais se defendem, mais se desgastam (Dorlin, 2020, p. 18).

No conto de Conceição, Maria tenta se defender da acusação de roubo sofrida pelos demais passageiros do coletivo. A personagem tenta explicar, mas não sabe dizer o motivo pelo qual não foi assaltada. Somente um dos passageiros tenta argumentar a favor de Maria, contudo, o esforço é inútil. Todas as defesas a favor de Maria estão fadadas ao insucesso, pois é um corpo que não tem o direito de se defender. A mera suspeita já impõe a mobilização desse corpo, seja por meio do uso da força policial ou, como no caso de Maria, o uso da violência por outros indivíduos que supostamente são legitimados para abater aquele corpo. A personagem possui um corpo condenado à imobilidade, e no enredo do conto, é impedida de circular, de chegar em casa para cuidar e dar as frutas aos seus filhos, pois seu corpo é espancado até a sua aniquilação.

A fronteira é "corte", o que demarca uma linha, divide o espaço (corte da faca) não está mais voltada para os espaços, mas sim para os corpos. As fronteiras são intransponíveis? Segundo Mbembe: “já não há fronteiras intransponíveis, no entanto, o monitoramento constante que assinala quem pode ou não as cruzar faz com que “muitos de nossos contemporâneos encontrem nas fronteiras os limites da globalização” (2021, p. 75). Por fim, caberia aqui, uma vez mais:

O que é senão a multiplicação consciente de espaços de perda e de luto, aonde as vidas de tantas pessoas consideradas indesejáveis chegam para ser destroçadas? O que é senão uma forma de travar a guerra contra inimigos cujos meios de vida e condições de sobrevivência foram arrasados anteriormente [...]? (Mbembe, 2021, p. 76-77).

Em espaço de perdas e luto, que vida são mais *enlutáveis*? A filosofia de Mbembe pode ser um fio condutor para uma possível leitura do conto de Conceição. Nesse sentido, na visão de Mbembe, a utopia se faz necessária, para continuarmos passantes pelo mundo, e assim “a ideia de um mundo sem fronteiras pode ser um recurso poderoso, embora problemático, para o social, o político e até mesmo para a imaginação estética” (2019, s/d). Diante disso, seguindo os *rastros* de Conceição “*a gente combinamos de não morrer*”, por mais que a desgraça vaze por todos os poros da terra, é preciso esperar um mundo possível, *utopia? É ela que nos ajuda a caminhar, passantes e chegantes diante do mundo*, pois, é necessário pensar em um mundo sem fronteiras, onde todos os corpos possam viver e circular livremente. É nas veredas de Conceição que aprendemos a olhar a *escrevivência*, que antes de qualquer domínio, é interrogação. Portanto, é uma busca por se inserir no mundo novas histórias, a *Escrevivência* não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida (2020, p. 35). Maria é um corpo-fronteira, seu corpo é cortado, a “faca-fronteira” delimita, em cortes, sua livre circulação. A fronteira passa a ser uma marca na carne, um corte na pele, uma espécie de escritura que reduz determinados corpos a serem objetificados. Uma vez que, corpo-fronteira marca uma espécie de racialização dos corpos, indicando quais corpos podem circular ou não, pois “a violência racial está amplamente codificada na linguagem da fronteira e da segurança” (2019, s/d). Em conformidade com Mbembe, Vitorio e Neto (2020) afirmam que: “o necropoder tem como função a destruição de corpos indisciplinados e que representam alguma espécie de perigo biológico à população. É uma formação específica do terror, pois almeja exterminar uma quantidade significativa de pessoas” (2020, p. 63). Diante do exposto, sem esgotar a discussão é nesse sistema de enquadramento, que os *corpos negros* são expostos e destroçados na precarização da vida. No entanto, é preciso estar em movimento, não ter barreiras que impeçam as circulações dos corpos.

REFERÊNCIAS

BARROS, Nadilza Martins de; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia, 2005, p. 202.

- CASTRO, Manuel Antônio. *A arte em questão: As questões da Arte*, Rio de Janeiro: Editora 7 letras, 2005.
- DORLIN, Elsa. *Autodefesa – uma filosofia da violência*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Crocodilo/Ubu Editora, 2020.
- DUARTE, Eduardo de Assis. *Escrevivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiáspórica*. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.
- EVARISTO, Conceição. "Gênero e Etnia: uma escre (vivência) de dupla face". In: BARROS, Nadilza Martins de; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia, 2005.
- EVARISTO, Conceição. *A escrevivência e seus subtextos*. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- HALL, Stuart. *Quem precisa da identidade?* In: SILVA, Tomaz. T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- KEHL, Maria Rita. *Direitos humanos: a melhor tradição da modernidade*. In: *Direitos humanos: percepções da opinião pública: análises de pesquisa nacional / organização Gustavo Venturi*. – Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2010.
- MORAES, Marcelo José Derzi. *Democracias Espectrais: por uma desconstrução da Colonialidade*. Rio de Janeiro: Nau, 2020.
- MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: N-1 edições, 2020.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições. 5ª reimpressão. 2022.
- MBEMBE, Achille. *Brutalismo*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: N-1 edições, 2021.
- MBEMBE, Achille. "Formas africanas de auto-inscrição". Em: *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, 23. Pp 171-209. 2001.
- MBEMBE, Achille. *A Europa deve assumir sua responsabilidade em relação aos imigrantes*, entrevista com Giovanna Di Benedetto. Instituto Humanitas Unisinos, 2015. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/169-noticias-2015/546267-a-europa-deve-assumir-sua-responsabilidade-em-relacao-aos-imigrantes-entrevista-com-giovanna-di-benedetto>. Acesso em 18 de dezembro de 2023.

MBEMBE, Achille. *A ideia de um mundo sem fronteira*. IMS: Instituto Moreira Salles, 2019. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2019/05/a-ideia-de-um-mundo-sem-fronteiras-por-achille-mbembe/>. Acesso em: 19 de dezembro de 2023.

RABASSA, Gregory. *O negro na ficção brasileira: meio século de história literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

VITORIO, R.; MARTINS DE LIMA NETO, J. *O Corpo Humano e a Guerra pelas Obras de Kader Attia e Achille Mbembe*. *Kalagatos*, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 56–69, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/7154>. Acesso em: 13 abr. 2024.



NEGRIS, Adriano; COSTA, Pâmela. *Corpos-Fronteira e o Conto Maria: Um Diálogo Entre Mbembe e Conceição Evaristo*. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.21, n.2, 2024, eK24048, p. 01-16.

Recebido: 05/2024

Aprovado: 05/2024